

Marcus Alexandre Mendes de Andrade

**São Vicente entre dois mundos
(V-VI)**

Prefácio de Alex Almeida

2021

A todos aqueles que conviveram comigo
na Província Brasileira da Congregação da Missão,
especialmente os que deixaram as fileiras da Vida Consagrada.

*Rogo que nada poupeis para curá-lo, o abraceis por mim e lhe digais
que lhe envio meu coração nas dobras desta carta,
embora ele já o possua.*

(VI, 427)

PREFÁCIO

Em janeiro de 1998, Marcus Alexandre e eu fizemos parte de um grupo de jovens idealistas que postulavam a vida religiosa na Província Brasileira da Congregação da Missão. Em uma das primeiras reuniões que tivemos, o padre que nos orientava pediu-nos para que fizéssemos um desenho que demonstrasse os sentimentos que tínhamos naquele momento inicial, dentro daquele novo projeto em Belo Horizonte. Lembro-me de o Marcus ter desenhado uma grande seta com olhos, braços e mãos, todos gigantes. Na partilha, Marcus informou que aquele desenho o representava, devido ao desejo e ansiedade que ele tinha de poder imergir em todo conhecimento que pudesse alcançar. Demonstrou estar ávido por ser instruído sobre as coisas espirituais, sobre a história da Igreja e seus santos e, mais do que tudo, se tornar um seguidor exemplar do Cristo e de São Vicente de Paulo.

Caminhamos estudando! Inevitavelmente, a consequência do estudo é o amadurecimento. No meu processo de amadurecer, mudei os meus focos e fui buscar novos rumos, mas sempre com a essência vicentina dentro de mim, acompanhando-me até hoje. Assisti à distância o caminhar do Marcus Alexandre, e sei que foi longo e proveitoso. Percebo que ele nunca deixou de ser aquela *seta*, pois nunca saciou o seu desejo de conhecimento. Com isso, está sempre a apontar com ardor para o mundo intelectual e espiritual buscando novas e profundas reflexões que possam ajudar, não só no mundo acadêmico como também sobre o mundo místico. E é dentro desta busca que ele nos oferta esta obra que medita sobre São Vicente de Paulo.

Meditar sobre São Vicente é meditar sobre um homem à frente de seu tempo. Os atos deste grande homem, seguidor do Cristo, fez e faz muita diferença na vida de muitas famílias

necessitadas e, também, de muitos homens e mulheres que, seguindo seu exemplo, deixaram seus lares para integrar a vida religiosa nas associações de vida apostólica: a Congregação da Missão, para os homens, e as Filhas da Caridade, para as mulheres. Os leigos inspirados nos atos de São Vicente fizeram nascer nas milhares de paróquias existentes no mundo as Conferências de São Vicente de Paulo, que reúnem grupos de fiéis que se dedicam a ajudar os menos favorecidos material, espiritual e afetivamente, dedicando-se, também, ao fortalecimento e ao cultivo da justiça social.

As meditações que aqui se encontram sobre São Vicente de Paulo, muito mais que adentrar no mundo sobrenatural ou apreciar um vulto histórico exemplar, tratam de pensar como servir a Deus no seguimento da humildade e do auxílio aos mais necessitados de forma zelosa. São Vicente dizia: *“Se o amor de Deus é um fogo, o zelo é sua chama. Se o amor é o sol, o zelo é o seu raio”*. E é isto que podemos esperar destas meditações, feitas pelo autor e que aqui se encontram: um forte zelo e uma profunda disposição para embrenhar-se no pensamento e na vida de um homem, São Vicente, de forma fidedigna, para que possamos nos sentir impelidos a realizar em nós mesmos e no meio de que fazemos parte feitos maravilhosos.

Desejo a todos que lerem esta obra que a leiam com avidez, como uma seta viva apontada para um objetivo maior. Como dizia São Vicente de Paulo, *“Que não façamos nada apenas por fazer, mas para nelas encontrar a face de Deus”*.

*Alex Almeida*¹

27 de novembro de 2021

(Solenidade de Nossa Senhora das Graças)

¹ Bacharel licenciado em Filosofia e escritor.

INTRODUÇÃO

Abre-se aqui o terceiro conjunto de meditações a partir das Obras Completas de São Vicente de Paulo. Nos volumes anteriores, muitos foram os temas abordados e aprofundados, tanto pelo Santo, em suas cartas e escritos, como pelo autor destes livrinhos.

Neste, a intenção é meditar sobre temas abordados por São Vicente nos volumes V e VI da obra de Pierre Coste, que agora está sendo traduzida para o português. Tais volumes compendiam os textos do Santo escritos entre agosto de 1653 e novembro de 1657.

A grande dúvida do autor, desta vez, foi a respeito se devia ou não continuar a escrever as meditações. Pelo simples fato de que, em várias ocasiões nestes dois volumes, São Vicente discutiu sobre a situação dos ex-membros da Congregação da Missão – como é o caso deste autor. O Santo discutiu algumas questões sobre os egressos com vários superiores, especialmente com o da Casa da Polônia, Charles Ozenne. Isso porque dois coirmãos que trabalhavam naquele país resolveram deixar a Companhia e foram arrastando sua saída definitiva por muito tempo. Inclusive, um deles permaneceu mantendo contatos intensos com a Congregação, morando na casa, mas sem a obrigação de seguir as orientações missionárias e o regulamento dos padres e Irmãos.

Em uma das várias vezes que São Vicente tocou no assunto, ele deixou afirmado: “É desejável que ele não tenha nenhuma comunicação com a Companhia, e fique bem afastado dela” (V, 130)². Para quem está dentro da Congregação, tais palavras podem até parecer normais. Mas não para quem está fora, no “outro mundo”.

² Carta a Charles Ozenne, 17/abr./1654.

Em carta ao Padre Marcos Coglée, superior em Sedan, tratando também sobre a relação de um ex-padre com a Congregação, São Vicente afirma:

Fazeis bem em evitar, tanto quanto possível, as visitas do Padre..., que saiu da Companhia, e suas comunicações particulares com as pessoas de vossa Casa, fazendo-o sentir, com muita prudência, que lhe convém procurar outro trabalho em algum lugar, para não perder seu tempo. (V, 454)³.

Mas, afinal, por que isso está sendo dito no início deste livrinho? Pelo motivo principal, dentre os demais que deram o nome para esta coleção, que é o fato de seu autor ter sido membro da Congregação da Missão e agora estar vivendo em “outro mundo”, distante da vida consagrada e missionária, se bem que mantendo a fé e a participação, embora tímida, na vida eclesial.

Como orientado por São Vicente, o autor, que já não vive na Congregação, mas “trabalha em outro lugar”, procura continuamente “não perder tempo”. Tanto que, em meio às muitas atividades da vida familiar, de professor e de militante político, o tempo reservado para a meditação das Obras Completas e para a escrita de pequenos textos está assegurado. E melhor ainda porque isso não representa nenhuma obrigação; apenas a alegria de entrar em contato com esta fonte espiritual e a satisfação de poder oferecer aos amigos e conhecidos um pouco do que tem cotidianamente meditado.

Ademais, e para a sorte de quem deseja lê-lo, São Vicente é maior do que a Congregação da Missão. Ele é, sobretudo, um patrimônio da humanidade. Seus textos, organizados e publicados pela Família Vicentina, estão para além das bibliotecas de suas congregações. São, como seu autor, um patrimônio da Igreja, da literatura e do mundo.

³ Carta a Marcos Coglée, 25/ago./1655.

Longe de querer se apropriar da leitura do Santo e sem nenhuma pretensão de se considerar muito capaz de compreender e interpretar os textos fundantes, a intenção deste autor é, com toda humildade, aproximar-se desta fonte inesgotável que é São Vicente e, como alguém que vive “entre dois mundos”, ofertar aos amigos e conhecidos uma possibilidade de se aproximar do Santo da caridade.

A todos, o sincero desejo de uma excelente leitura. E que as palavras de São Vicente toquem profundamente cada leitor, levando-o a fazer a opção fundamental pelo serviço e pela evangelização dos Pobres, os preferidos do Senhor.

A Providência divina (I)

Espero que Deus os conserve, já que se abandonam à sua Providência e ao seu serviço com tanta fé e firmeza. (VI, 323)⁴

O tema da Providência divina sempre foi muito caro a São Vicente. Pode-se até mesmo dizer que funciona como um eixo norteador do seu pensamento, convidando os fiéis à submissão à vontade de Deus. No entanto, jamais se pode pensar em uma submissão passiva. O melhor a dizer seria submissão ativa a Deus, isto é, uma confiança absoluta na Providência divina, um acompanhamento *pari passu* da vontade e do desígnio de Deus sobre o mundo.

As obras de Deus têm seu momento; sua Providência então age, nem mais cedo nem mais tarde. O Filho de Deus via a perda das almas; contudo, não antecipou a hora que tinha estabelecido para sua vinda. Esperemos, pacientemente. Porém, ajamos e, por assim dizer, apressemo-nos lentamente na negociação de um dos maiores assuntos que a Congregação jamais poderá ter. (V, 439)⁵.

São Vicente, nesta carta, fala com todas as letras que é preciso confiar totalmente em Deus, pois, se a obra é dele, ele agirá e a levará a bom termo. Entretanto, deixa claro que a obra de Deus não se faz no tempo dos homens, segundo sua visão e suas perspectivas. “As obras de Deus só se fazem no tempo devido” (VI, 95)⁶. Ela é realmente uma obra de Deus, que tem um momento certo para acontecer.

Ao homem cabe, com efeito, estar totalmente disponível a Deus, sem atrasar o cumprimento de sua vontade nem muito menos antecipar as ações e os resultados. Ao dizer que “o homem deve se

⁴ Carta a Charles Ozenne, 13/abr./1657.

⁵ Carta a Estevão Blatiron, 09/jul./1655.

⁶ Carta a Jean Martin, 01/set./1656.

apressar lentamente”, São Vicente deixa muito claro o que entende sobre este assunto: crer na Providência, de fato, não deve levar a uma hiperatividade, como se tudo dependesse única e exclusivamente dos esforços humanos.

Por outro lado, os homens não podem ficar de braços cruzados, em total passividade, porque Deus age através de mediações históricas. Assim, é preciso afirmar que não se deve apostar na hiperatividade nem também na passividade. É preciso, pois, “apressar-se lentamente”, isto é, agir como se tudo dependesse da ação humana e crer como se tudo dependesse de Deus.

Os homens precisam, nestas circunstâncias, escutar a vontade de Deus e colocá-la em prática. Jamais se antecipar a Deus, como que querendo forçar a sua ação ou a sua intervenção na realidade. Pelo contrário, é preciso ser dócil às moções do Espírito, analisar o transcurso dos tempos, escutar os clamores da história e perceber, em meio a tudo isso, qual a vontade de Deus e qual a melhor forma de concretamente realizá-la.

Devemos esperar que Deus seja mais honrado por nossa submissão à sua Providência, aguardando suas ordens, do que se tentássemos antecipar-nos a elas. (V, 175)⁷.

Perceber-se como instrumento da ação de Deus – sem, no entanto, ser determinante na execução da obra divina – ainda tem como efeito levar o fiel à humildade, uma virtude mais do que importante quando se fala da Providência e da realização da vontade de Deus no mundo.

Com efeito, confiar na Providência divina e assumir a condição de instrumento – importante sim, mas não indispensável – mostra que a obra de Deus é muito mais do que as pessoas, está para além de qualquer pretensão humana e não perpassa personalismos egocêntricos. “Ele se doou a Deus para fazer a vontade divina e não

⁷ Carta a Tomás Berthe, 03/jul./1654.

a sua própria. Jamais fará algo que valha se agir de outra maneira” (VI, 614)⁸.

Inclusive, a confiança na Providência divina leva a se colocar fora do centro das questões, sem se considerar peça-chave nos processos que precisam ser realizados na sociedade. Talvez esta seja uma questão-limite: o fiel deve se compreender como fundamental na ação coletiva, mas sem tomar para si o protagonismo, que deve ser sempre de Deus, para ter bons resultados.

Vede como o Divino Mestre supriu a falta do padre que vos parecia insubstituível e que não se deve jamais ficar surpreso quando os homens com os quais mais contamos vêm a falhar. É, sobretudo, então, que Deus realiza sua obra. (V, 481)⁹.

De fato, ninguém é insubstituível. Se alguém assim se considera, tal pessoa precisa seriamente rever sua postura e sua forma de agir no mundo. Considerar-se insubstituível deixa transparecer o centralismo da pessoa em detrimento da ação do Espírito e a redução dos campos de possibilidade, já que uma só pessoa jamais consegue ver a totalidade e as muitas alternativas que existem em todas as circunstâncias.

Uma das formas de sair do centro das decisões e atitudes é colocar Deus e os Pobres no centro. A escuta da vontade divina certamente passa pela atenção aos clamores e às necessidades gritantes dos mais sofredos e desamparados.

Numa carta a um coirmão que queria oferecer os serviços da Congregação da Missão ao rei da França para um assunto importante, São Vicente é categórico ao afirmar que os missionários não devem se oferecer para nenhum trabalho, ainda mais para as autoridades, como se fossem os únicos capazes de tal ação, nem ao menos projetar determinados serviços, considerando-os necessários

⁸ Carta a Dênis Laudin, 20/out./1657.

⁹ Carta a um padre da Missão, 03/out./1655.

às pessoas. Ao contrário, São Vicente convida o coirmão a apresentar a Deus as necessidades dos Pobres, pois então o próprio Deus despertaria quem fosse preciso para tal missão.

Que o bom Deus vos livre de escrever a suas Majestades sobre alguma fundação de missionários! Isso seria razão bastante para lhes dar motivo de zombar de vós e de nós. Essas obras não se fazem recorrendo aos homens, mas apresentando a Deus as necessidades dos Pobres, a fim de que lhes apraza remediá-las, enviando bons operários para a sua vinha, sem presumir que somos desse número. Todavia é preciso oferecer-nos a ele, mas somente para realizar seus desígnios, sem querer antecipá-los. (VI, 673)¹⁰.

Em outras palavras, o Santo convida seu interlocutor a escutar os Pobres, a perceber suas dores e angústias e, apresentando-as a Deus, colocar-se à disposição do cumprimento de sua vontade divina. Assumir tal trabalho ou realizar determinada ação já não é mais uma escolha individual. É tão somente um chamado. Chamado feito por Deus que deve ser acolhido livre e docilmente pelos seus missionários.

Seguindo estes passos, que são confiança absoluta, escuta atenta, disponibilidade para o serviço e descentralização de si mesmo, todo fiel poderá ficar tranquilo quanto à sua responsabilidade no mundo e ao cumprimento da vontade de Deus. Com efeito, cumprirá, com tranquilidade e humildade, a oração contida no Pai Nosso: “Faça-se a vossa vontade, assim na terra como no céu”.

Para meditação pessoal ou em grupo:

1. Você confia na Providência e age de acordo com a vontade de Deus?
2. Você é hiperativo ou é mais passivo? Precisa rever de algum modo sua forma de agir e confiar em Deus?

¹⁰ Carta a Guilherme Delville, 10/nov./1657.

A Providência divina (II)

O que poderemos fazer neste caso, senão querer o que a divina Providência quer e não querer o que ela não quer? (VI, 538)¹¹

Falar sobre a Providência divina é falar sobre a vontade de Deus e o ser humano chamado a realizá-la em sua vida e no mundo. A vontade divina não é algo metafísico, desencarnado da realidade, que paira sobre a cabeça das pessoas. Muito pelo contrário. O querer de Deus é algo concreto, que exige conversão pessoal e mudança para o mundo, mudança esta que perpassa a transformação da sociedade e a superação das infinitas desigualdades e injustiças existentes.

Ao instruir os seus colaboradores sobre a vontade de Deus, São Vicente afirma que é preciso aceitar e assumir o desígnio divino, sem jamais querer fazer a própria vontade ou se antepor à vontade de Deus.

Estes benefícios são graças tanto maiores quanto menos esperadas e menos merecidas. Agistes segundo a vontade de Deus e segundo nossa máxima de deixar a Providência divina atuar, sem outra contribuição nossa a não ser a da aquiescência. Eis como todas as nossas Casas se estabelecem e o que a Companhia deve observar inviolavelmente. (VI, 24)¹².

Os homens não podem de forma alguma querer fazer a própria vontade, se, de fato, estão dispostos a seguir a Jesus e assumir seu projeto para o mundo. Isso porque a vontade humana é muito egoísta e mesquinha, buscando apenas a própria satisfação e benefícios pessoais e grupais.

Ao defender a máxima “nada pedir, nada recusar”, São Vicente está convencido de que não se pode procurar a satisfação da própria

¹¹ Carta a um padre da Missão.

¹² Carta a um padre da Missão.

vontade, pois ela geralmente é contrária ao desígnio de Deus, que, diferente do agir humano, sempre visa à coletividade e ao bem comum, sem deixar ninguém excluído ou de fora dos círculos sociais.

Além disso, não podemos fazer nenhuma sugestão para nos estabelecer em lugar algum, se quisermos manter-nos nos caminhos de Deus e no uso da Companhia, pois até agora sua Providência nos chamou aos lugares onde nos encontramos, sem que os tenhamos procurado direta ou indiretamente. Ora, não é possível que a máxima de nada pedir, nada recusar, que nos mantém na dependência de Deus e de sua conduta, não lhe seja muito agradável, tanto mais quanto ela destrói os sentimentos humanos que, sob pretexto de zelo e da glória de Deus, fazem muitas vezes empreender projetos que ele não inspira nem abençoa. Ele sabe o que nos convém e no-lo dará quando for o tempo, se, como filhos cheios de confiança para com um tão bom pai, nos abandonarmos em suas mãos. (VI, 357)¹³.

Seguindo o texto de São Vicente, fica claro que ninguém precisa se oferecer para nada, que ninguém precisa se achar importante ou adequado para determinada função. Basta estar aberto e disponível, e o próprio Deus chamará a pessoa para desenvolver o que é devido, caso seja de seu agrado e determinação.

Esta disponibilidade é algo fundamental e por demais importante quando se fala na aquiescência à vontade divina e ao seu projeto. Estar disponível é o primeiro passo para cumprir fielmente o desígnio divino. Em uma bela carta a um coirmão, São Vicente elogiou sua disponibilidade para ir para as missões *ad gentes* e, ao mesmo tempo, pediu-lhe total abertura para ficar onde estava trabalhando. Afinal, a fidelidade esperada numa missão mais exigente deve ser também manifestada nas pequenas coisas e nas obras mais simples. O entusiasmo tem que ser o mesmo, afinal o que está em jogo não são os louros que alguém pode receber, mas unicamente o cumprimento da vontade de Deus para a pessoa e para o mundo.

¹³ Carta a Aquiles Le Vazeux, 01/jun./1657.

Espero mesmo que ele vos cumule de sua graça para servi-lo em Saintes com mais paz e maior fruto para vossa alma, enquanto esperais que a sua Providência vos chame a outros lugares. Continuai a oferecer-vos à Providência para todos os lugares da terra e para todas as coisas em que o Senhor julgar oportuno empregar-vos, pois ele se glorifica com esta entrega. Mas continuai também a submeter todos os vossos desejos ao seu beneplácito, considerando-vos indigno de que Deus pense em vós, e muito feliz que ele vos suporte somente no lugar em que vos encontrais. (VI, 619-620)¹⁴.

Levando a sério a máxima “nada pedir, nada recusar”, as pessoas podem ficar tranquilas – como afirma o próprio Santo – de que estarão na dependência de Deus, dependentes de sua vontade e entregues aos seus planos. O contrário disso, certamente, aponta para a busca de satisfação pessoal e de realização de projetos individualistas. Tudo que não se adequa ao projeto divino para o mundo, que prevê sempre a coletividade e a mútua responsabilidade em todos os processos.

Ademais, São Vicente aponta para o perigo de se buscar justificativas para seus próprios projetos em uma pretensa percepção da vontade divina. Neste ponto, é preciso ter muito discernimento e atenção, pois, como o ser humano é débil, frágil e, ao mesmo tempo, ávido por realizar suas necessidades, muito facilmente ele pode tomar seus projetos pessoais como sendo de Deus e empregar neles todos os seus esforços, com o único e exclusivo desejo de atender suas questões pessoais e manipular as situações para ficarem conformes à sua vontade egoísta e mesquinha.

Por fim, é importante ressaltar o perigo de se confiar exclusivamente nos recursos e capacidades humanas. A confiança do fiel nunca deve estar nas pessoas ou em si mesmo, mas sim em Deus. Apesar de toda boa vontade e das decisões tomadas pelo caminho do seguimento a Jesus, as pessoas podem se trair e trair seus ideais,

¹⁴ Carta a Martin Baucher, 21/out./1657.

desviando-se do projeto divino e do cumprimento da vontade do Senhor.

Minha grande confiança está em Deus e não nos recursos humanos. Entretanto, creio que ele gostará de que os utilizeis, desde que o façais com submissão ao que sua bondade paterna ordenar para todos vós. (VI, 438)¹⁵.

Para meditação pessoal ou em grupo:

1. Você entende e vivencia o princípio “nada pedir, nada recusar”?
2. Você submete sua vontade à vontade de Deus?

¹⁵ Carta a Estevão Blatiron, 03/ago./1657.